

2 Bilingüismo

Wer fremde Sprachen nicht kennt, weiß nichts von seiner eigenen.

Quem não conhece outras línguas estrangeiras,
não sabe nada sobre a sua própria.

(Johann Wolfgang v. Goethe, 1821)

Veremos neste capítulo que o bilingüismo, além de complexo, é um fenômeno que há tempos recebe dedicação de diversos pesquisadores em diferentes áreas. De acordo com a visão de Romaine (1995), devido ao fato de haver muito mais línguas do que países espalhados em todo o mundo, esse fenômeno se faz bastante presente em diversas sociedades, o que torna o monolingüismo um caso especial, um desvio da norma.

Mesmo após inúmeras discussões, não encontramos na extensa bibliografia a respeito do assunto um consenso entre os especialistas. Conceituar o bilingüismo de maneira clara, objetiva e unânime e definir suas delimitações é, de fato, uma tarefa difícil. As definições são muitas e, por isso, faremos referência apenas a algumas delas.

Weinreich, em 1953, propôs-se a discutir questões relacionadas ao estudo do tema línguas em contato. Assim, esse estudioso tematizou a interferência entre duas línguas consideradas “puras”, o que tornou o bilingüismo um dos primeiros resultados do contato interlingüístico. O autor concluiu que esse fenômeno consiste apenas na prática de se usarem alternadamente duas línguas.

Apesar das críticas, essa é uma das definições mais consideradas até o momento, no que se refere ao bilingüismo. Quanto aos problemas apontados, tem-se o fato de tal definição ser bastante geral e superficial, haja vista que, ao priorizar apenas a realidade do uso de uma língua em determinado contexto, desconsidera as condições individuais, inerentes ao falante. Nesse caso, os motivos e a forma como os usuários utilizam um ou outro idioma no momento da comunicação não têm relevância. O pesquisador também não se pronuncia a respeito do grau de conhecimento que o indivíduo deve ter em relação às duas línguas, além de ignorar a questão da proficiência nas quatro habilidades lingüísticas em cada uma delas: falar, escrever, ler e ouvir.

Delimitando um pouco mais tal teoria, muitos estudiosos afirmam que ser bilíngüe significa simplesmente ser capaz de utilizar duas ou mais línguas com a mesma competência nessas quatro habilidades. Outros, entretanto, entendem que não é necessário que a competência seja a mesma, uma vez que isso é bastante raro. Atualmente, a possibilidade de considerarmos como sujeitos bilíngües apenas aqueles que possuem domínio igual e nativo em duas línguas é utópica, pois a grande maioria dos falantes não se enquadra nesse caso.

Conforme Grosjean (1998), bilingüismo é um processo que não se limita apenas à aquisição de mais uma língua com domínio e estrutura iguais aos da L1; para ele, bilíngüe não é aquele que possui competência semelhante e perfeita nas línguas, mas sim quem utiliza constantemente duas (ou mais) línguas (ou dialetos) com diferentes pessoas em diversas situações do cotidiano e de acordo com seu propósito.

Em 1985, Fthenakis et al. (*apud* Savedra & Heye 1995) tentaram definir esse mesmo fenômeno de maneira sistemática. Para tanto, consideraram duas tendências: uma de natureza lingüística, em que o fenômeno era visto como competência, e por isso, o que importava era o domínio que os falantes tinham das línguas; e outra, de natureza psicolingüística, que considerava as funções das línguas, ou seja, questionava-se como e para quê, com que finalidade elas seriam utilizadas.

Uma outra definição é a de Saunders (1988). Para esse estudioso, ser bilíngüe significava simplesmente “possuir” duas línguas. Seguindo esse pensamento, listou os motivos a favor e contra de uma educação bilíngüe, tomando por base a observação de seus próprios filhos.

Mesmo diante de diferentes visões, certos questionamentos em relação ao bilingüismo sempre se fizeram presentes em quase todas as pesquisas relacionadas ao assunto. A maior parte dos estudiosos pretende estabelecer parâmetros para o desenvolvimento e o comportamento dos sujeitos bilíngües. Eles investigam como e até que ponto o bilingüismo pode ser medido, o que acontece quando duas ou mais línguas são adquiridas e utilizadas, a maneira como isso se dá, e se esse é um fenômeno favorável ou desfavorável para a vida e o desenvolvimento dos indivíduos.

Com a disseminação do tema, estudar o bilingüismo de maneira isolada é algo que gradativamente foi abandonado pelos pesquisadores. O fenômeno passou

a ser reconhecido como área interdisciplinar, pois houve maior colaboração entre diversas disciplinas (neurolingüística, psicolingüística, sociolingüística e lingüística aplicada) e, assim, as análises inter-relacionadas ganharam mais espaço.

Em consequência dessa nova perspectiva, diversos outros fatores passaram a ser considerados. A relação entre linguagem e pensamento e as questões acerca das teorias de aquisição da linguagem adquiriram grande relevância nas discussões acerca do bilingüismo.

Quanto ao processo de aquisição, surgiram opiniões divergentes. Segundo Taylor (1976), não há diferença quando se trata de indivíduos bilíngües e monolíngües. Já Klein (1986) identificou três tipos de aquisição da linguagem: a aquisição de primeiras línguas, a de segundas línguas e a reaquisição de línguas. O primeiro tipo de aquisição pode ser monolíngüe ou bilíngüe (caso o indivíduo aprenda duas línguas em paralelo sem ter adquirido nenhuma antes). Já uma segunda língua pode ser adquirida de diferentes formas, em diferentes níveis, em qualquer idade e para diversos fins. A reaquisição se dá quando palavras e estruturas somem completamente tornando o sujeito incapaz de compreender ou produzir discursos em determinada língua, e após um tempo ele volta a utilizar essa mesma língua, que continuava armazenada em algum lugar do cérebro.

Com o passar do tempo, devido à contribuição de pesquisas interdisciplinares, concluiu-se que o bilingüismo pode ser de caráter individual ou social. No primeiro caso, entende-se que o fenômeno diz respeito apenas ao indivíduo, sendo que este deve ser analisado isoladamente dentro de um grupo social, considerando-se determinadas características como o grau, a função, a alternância e a interferência entre as línguas. Já no segundo caso, pressupõe-se que ele tem relação estrita com a sociedade, pois os estudos relacionados ao tema devem concentrar-se apenas nas comunidades.

Todavia, independentemente do caráter do bilingüismo, a idade ideal para a aquisição de uma L2 sempre foi foco de inúmeras investigações. A maioria delas pretende confirmar que a faixa etária exerce uma função fundamental em tal processo. Nesse caso, considera-se que a idade pode influenciar na organização cerebral e no desenvolvimento da lateralidade, definindo, assim, o papel dos dois hemisférios no processamento da linguagem.

Com base em alguns desses estudos, podemos estabelecer uma distinção entre o bilingüismo precoce e o adquirido. O primeiro tipo se dá quando o processo de aquisição de uma L2 ocorre até a fase pré-adolescente da vida do indivíduo. Já o segundo caso, também chamado de bilingüismo tardio, ocorre quando a L2 é adquirida após os 11 anos e a L1 antes.

Flege (1998 *apud* Rocca 2003) acredita que, nesse último caso, a influência exercida pela L1 é maior do que no primeiro, isto é, os sujeitos bilíngües tardios apresentam mais traços de sua L1 no uso da L2, como, por exemplo, quanto aos seguintes aspectos: acentuação, ritmo, entonação e sons da fala.

Outro fator relevante para o estudo do bilingüismo é a questão do contexto em que a L2 deve ser adquirida. Pensando nisso, Kaplan, Bohn & Vandresen e Widdowson (1989; 1989; 1990 *apud* Savedra 1994) julgaram necessário distinguir a forma de aquisição de uma L2, que pode se dar de maneira natural ou espontânea. Para tanto, questionaram o papel exercido pela L1 nesse processo e a metodologia de ensino mais adequada em cada caso, de acordo com o contexto de aquisição.

Ao definir esse contexto, os estudiosos consideraram diferentes parâmetros: faixa etária, objetivo do aprendizado e o uso das línguas. Os pesquisadores que tinham tendência mais flexível admitiram que a L2 poderia ser adquirida em qualquer situação. Para Klein (1986) e Richards (1992), por exemplo, isso poderia ocorrer tanto de maneira espontânea, isto é, natural e informal, ou até mesmo, de maneira guiada, por meio de instrução formal, com auxílio de um tutor.

Como vimos até o momento, as mais variadas pesquisas na área do bilingüismo apontam para algumas tendências que não podemos ignorar: há diferença entre o contexto de aquisição natural e o de aquisição formal de uma L2; a idade influencia nesse processo; não é possível determinar ao certo quando e por que as línguas devem ser utilizadas, nem mesmo o domínio que os falantes devem ter sobre estas.

Justamente por isso, é tão difícil estabelecer uma unanimidade entre os estudiosos de áreas afins no que se refere à classificação do bilingüismo, à teoria de aquisição da linguagem mais adequada em cada caso e à distinção de L2 (que

para muitos deve ser adquirida após a L1 em contexto social) e LE (que deve ser adquirida também após a L1, mas em contexto escolar).

Assim, devido às diversas perspectivas que se referem às teorias de linguagem, classificar o bilingüismo como fenômeno absoluto, buscando um consenso a respeito, é tarefa que não foi possível até o momento.

A existência de diversos tipos e conceitos de bilingüismo justifica-se pelo fato de tais teorias adotarem diferentes metodologias e pontos de vista em relação à competência, domínio e função. Nesse sentido, Savedra & Heye (1995) afirmam que o bilingüismo é um fenômeno relativo e, ao ser analisado, o pesquisador deve considerar o ambiente e as condições em que ele se desenvolve.

O principal foco de estudo desses autores é a distinção entre bilingüismo e bilingüidade. No primeiro caso, trata-se de uma situação em que coexistem duas línguas utilizadas como meio de comunicação (quando há mais de duas, tem-se o chamado multilingüismo). Já a bilingüidade é definida como diferentes estágios de bilingüismo.

Este fenômeno consiste em situações flexíveis, pelas quais os sujeitos bilíngües passam no decorrer de suas vidas. De acordo com essas situações, as bicompetências lingüística, comunicativa e cultural (justificadas pela aquisição de duas línguas) são determinadas em diferentes momentos da trajetória do indivíduo. Dessa forma, a bilingüidade é considerada como os diferentes estágios de domínio lingüístico do sujeito no uso das línguas em questão.

Ao estudarmos Heye (1979) e Hamers & Blanc (1989), concluímos que alguns elementos são essenciais para caracterizar diferentes situações de bilingüismo. Assim, a sociedade e os contextos em que as línguas são utilizadas, o *status* dos falantes e das línguas, as relações sociais e as interações estabelecidas, e o propósito do uso das línguas devem ser identificados. Com base nesses parâmetros, o *status* lingüístico do sujeito, em qualquer momento de sua vida, pode ser definido. Ainda nesse sentido, Savedra & Heye (1995) afirmam que as diversas situações de bilingüismo são definidas pelo que denominaram estágios de bilingüidade.

Para definir esses estágios, devemos considerar o contexto e a idade no momento da aquisição das línguas, bem como o domínio funcional destas por ambiente comunicativo.

No que diz respeito ao contexto de aquisição, Heye (2003) constata que a faixa etária e a maturidade lingüística são fatores determinantes, apresentando as seguintes situações:

- a) Lab – se determinada língua *a* e determinada língua *b* são aprendidas simultaneamente (ambas consideradas L1);
- b) La+Lb – se uma das duas línguas é adquirida após a outra, que ainda não está maturacionada;
- c) LM+ LE – se uma língua é adquirida depois da outra, que já está maturacionada.

Sob esta ótica, quando a aquisição das línguas se dá na infância, o tipo de bilingüismo apresentado é o Lab ou o La+Lb; na adolescência, o La+Lb ou LM+LE; e, na fase adulta, o LM+LE. Essas situações não se apresentam sempre da mesma forma. Na verdade, ao longo da trajetória dos falantes, elas são alteradas em decorrência do uso funcional das línguas e podem caracterizar, em determinado momento, uma situação de domínio lingüístico de uma língua em relação à outra.

Nesse contexto, o uso funcional dos idiomas nas situações comunicativas é modificado em função de fatores sociais e comportamentais. Acreditando nisso, Savedra & Heye (1995) defendem que a identificação do estágio de bilingüidade está relacionada ao domínio lingüístico das línguas nos seguintes ambientes: familiar, social, escolar e profissional. Nesses ambientes, a comunicação em determinado idioma deve se dar, respectivamente, com: pais, cônjuges, empregados, etc.; vizinhos e colegas; professores, funcionários e colegas; pessoas que participem deste universo.

Ao observarmos a trajetória de vida dos falantes bilíngües, podemos identificar seu *status* lingüístico e perceber se ambas as línguas são utilizadas paralela e constantemente ou se o uso de uma é abandonado ou reduzido em prol da outra por diferentes razões. Ao reconhecermos uma situação do primeiro tipo, podemos dizer que as duas línguas são {+ dominante}; já quando caracteriza-se o segundo tipo, uma delas é {+ dominante} e a outra {– dominante}. Por exemplo, em dada época, um falante nativo de LP, por motivos profissionais, tem que morar na Alemanha durante alguns anos; no período em que ele estiver lá, a LA

provavelmente será considerada {+ dominante}, porém, quando retornar ao seu país de origem, a língua {+ dominante} será a LP. Assim, Savedra (1994) propõe ilustrar uma situação como esta da seguinte forma:

Ap, em uma fase da vida do indivíduo, e **Pa**, em outra.

LA {+ dominante}

LP {- dominante}

LP {+ dominante}

LA {- dominante}

Savedra & Heye (1995) afirmam que o processo de aquisição formal de segunda língua (AFL2) constitui uma situação de bilingüismo. Nesse caso, os estágios de bilingüidade, definidos pelo uso das línguas em determinados ambientes comunicativos, caracterizam os diferentes estágios de bilingüismo, isto é, a bilingüidade. Sendo assim, segundo os autores, os seguintes elementos adquirem relevância: faixa etária, maturidade lingüística de L1, *status* de L2, domínio social e lingüístico de ambas as línguas, motivação para a aprendizagem, utilização de L2, grau de domínio lingüístico {± dominante} das línguas nos estágios de bilingüidade no momento em que se dá o processo de AFL2.

Com base no referencial teórico apresentado, consideraremos nesta pesquisa o domínio funcional de uso lingüístico dos indivíduos analisados no momento da investigação como **Pa**, o contexto de aquisição La+Lb e o ambiente comunicativo escolar.